Fígado, o órgão da morte e da ressurreição

Ana Lups
Médica antroposófica
Endereço para correspondência: Route 14, Box 149 - Hudson, NY 12534 USA
Tradução de Nilo E. Gardin, com autorização da autora, do original *The Liver - Organ of Death and Resurrection*, da palestra proferida em "A busca por uma *psicosofia* humana" no Camphill Soltane, Pensilvânia, EUA, em 17 de fevereiro de 1998.

Ludwig Beethoven nasceu em Bonn, Alemanha, em 16 de dezembro de 1770. Ele era o segundo filho. O primeiro havia morrido ao nascimento dois anos antes. Seu pai era músico da corte, assim como seu avô. A família era extremamente pobre e desajustada pela dependência alcoólica do pai. A avó paterna tinha um problema semelhante, mas Beethoven não era alcoólatra e não tinha história de excessos.

Na infância, ele já apresentava sinais de genialidade musical. Seu avô e seu pai o instruíram no piano. Por ser pobre, ele tinha pouca escolaridade, com leitura e escrita rudimentares. Quando menino, era tímido e taciturno, levando uma vida aparte dos demais, observando e ponderando sobre o mundo ao redor de si. Ele começou a dar concertos precocemente, aos 8 anos de idade, e aos 11 anos tornou-se famoso pelas improvisações.

Sua gentil mãe era sobrecarregada pelo marido que provinha mal à família. O bem-estar deles se deteriorava cada vez mais, e ela teve que assistir diariamente aos maus tratos físicos e psicológicos que eram infligidos ao seu amado Ludwig.

Aos 15 anos de idade, Ludwig se tornou músico da corte e arrimo de família. O conde Waldstein, um aristocrata beneficiário, foi positivamente impressionado por seu potencial. Em sua primeira visita a Viena aos 17 anos, Beethoven teve aulas com Mozart até ter que voltar à sua casa por conta da morte de sua mãe. Ele era devotado a ela, e esta perda próxima ao seu primeiro nó lunar deve ter deixado marca duradoura em sua vida anímica.

Então, ele assumiu os cuidados de seus dois irmãos mais novos e da casa, assim como suas atribuições musicais na corte. Seu talento musical continuou a crescer e ele teve aulas com os mestres que poderiam ajudá-lo a aprender todos os aspectos de harmonia e composição.

Aos 21 anos, ele tinha o respeito de muitos intelectuais e aristocratas que o estereotipavam pelas "excentricidades de um gênio moderno".

Seu temperamento colérico vinha à tona em explosões de volatilidade, fúria, comportamento grosseiro e frequentemente rude; sua introspecção e natureza obstinada, sua forte vontade e determinação afastaram de si vários de seus amigos.

Sob tudo isso havia uma individualidade excepcional cuja história de vida revela nobreza de caráter, devoção inabalável aos mais elevados ideais morais ao longo de cada aflição e tentação a que um temperamento apaixonado poderia se expor. Se pudéssemos imaginar um encontro com Ludwig van Beethoven na rua, nós veríamos um homem de baixa estatura, compacto, de pescoço curto, ombros retos, uma grande cabeça como a de um leão, cabelos longos e rebeldes; características rústicas, exceto os olhos – cheios de fogo, um pouco elevados mostrando a conjuntiva branca abaixo; ao caminhar, com as mãos para trás, desafiava o mundo, afrontando a todos: "há apenas um Beethoven". Este homem estava totalmente encarnado, ele estava na terra e usaria seu corpo para fazer sua tarefa, mas seu corpo não o servia bem.

Aos 24 anos ele se mudou para Viena e recebeu os ensinamentos de Haydn, que estava profundamente chocado com a morte precoce de seu amado Mozart. Haydn não podia apreciar a audácia deste aluno talentoso, a quem ele rotulou como "uma pessoa de caráter difícil demais para algum dia produzir um grande trabalho".

Aos 27 anos o prenúncio de sua surdez o tocou e a despeito de várias consultas

médicas seu infortúnio foi se aprofundando e se tornando sua companhia constante para os 30 anos seguintes. Beethoven reconheceu sua própria morte iminente como mostrado em uma carta a seus irmãos, chamada "o testamento de Heiligenstadt", escrita em 6 de outubro de 1802, quando ele tinha 32 anos:

> Oh vós homens, que pensai ou dizei que eu sou malévolo, obstinado ou misantropo, como estais errados a meu respeito, vós não sabeis as causas secretas que me fazem parecer deste modo. Desde a infância meu coração e minha mente foram inclinados aos ternos sentimentos de boa vontade, eu sempre estava ávido a realizar grandes obras, mas reflitais agora que por 6 anos uma condição desesperadora me afetou, agravada por médicos insensatos, enganando-me ano após ano com esperanças de melhora, até que finalmente me vi obrigado a admitir perspectiva de uma doença permanente. Nascido com um temperamento ardente e vivo, sensível aos prazeres da sociedade, precocemente fui compelido a me isolar, para viver em reclusão. Quando em alguns momentos eu tentava esquecer tudo isso, oh quão duramente eu era repelido pela experiência duplamente triste da minha má audição... Por ser surdo, ah como eu poderia admitir uma enfermidade no sentido que deveria ser o mais perfeito em mim que nos outros? Um sentido que outrora eu possuía na mais alta perfeição, uma perfeição como poucos certamente desfrutaram na minha profissão – oh eu não posso fazer isso. Perdoem-me, portanto, se me vêem retraído quando eu teria gosto de estar entre vocês, meu infortúnio é duplamente doloroso porque ele deve ser mal interpretado. Para mim não há divertimentos da vida em sociedade, dos prazeres da conversação, das trocas mútuas de idéias... Vejo-me obrigado a viver no exílio. Se estou próximo às pessoas, fico aterrorizado com a idéia de que o meu mal possa ser notado...
>
> Oh Divino Ser, Tu que olhas do alto para o íntimo de minha alma, Tu entendes; Tu sabes que o amor pela humanidade e o desejo de fazer o bem nela habitam. Oh meus companheiros, quando um dia vós lerdes isto, lembrai que vós fostes injustos comigo, e deixais que um infeliz tenha consolo*, encontrando alguém que, como ele, apesar dos obstáculos que a natureza colocou em seu caminho, ainda fez tudo o que as suas faculdades lhe permitiram fazer para pertencer ao mundo dos artistas e dos homens de valor.*

Beethoven afirmou que, apesar de sua doença, ele seria reconhecido como um grande artista. Eu gostaria de provar que por causa de sua patologia ele se tornou um dos maiores compositores. Ele pediu a seus irmãos: "Tão logo eu morra ... descrevam minha moléstia e anexem o presente relato ao da minha doença, para que pelo menos o mundo possa, tanto quanto possível, reconciliar-se comigo depois de minha morte".

Foi em Viena que seu talento intelectual e sua natureza apaixonadamente afetuosa para com as mulheres se desenvolveram. Entretanto, ele teve uma vida de privações. Embora suas ligações fossem na maior parte das vezes inatingíveis, todas foram honrosas e respeitadas por pela sociedade, mostrando a veracidade e o autocontrole de um grande homem. Sua progressiva piora auditiva o levou a um crescente sentimento de isolamento social.

Seu 42º ano de vida foi marcado por um caso de amor desolador o qual só foi descoberto após sua morte, em uma carta a uma "amada imortal":

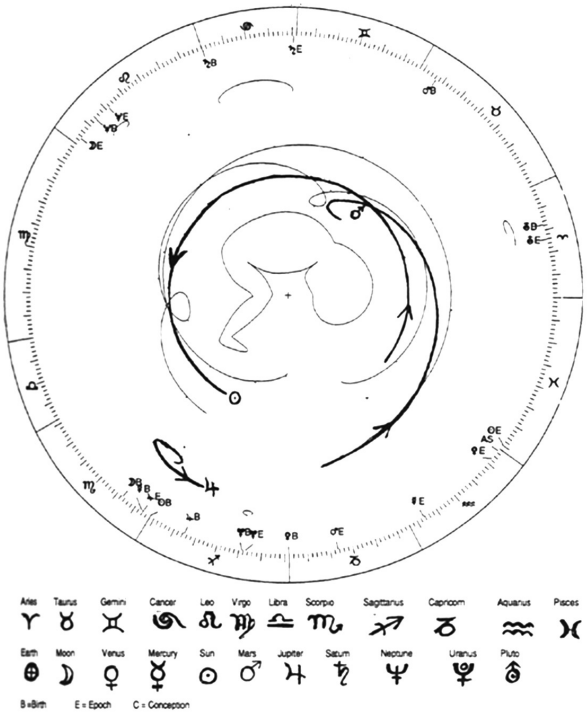
> (…) 7 de Julho.
>
> Bom dia. Todavia ainda na cama, meus pensamentos vão para ti, minha amada imortal, aqui e ali com alegria, em seguida com tristeza novamente, esperando para saber se o destino nos ouvirá ou não. Eu posso viver inteiramente só contigo ou não – sim, estou decidido a ir bem longe até que possa voar para teus braços e dizer que eu estou realmente em casa, enviando minha alma envolta contigo ao reino dos espíritos. – Sim, infelizmente tem que ser assim – tu concordarás comigo visto que sabes da minha fidelidade – a ti, ninguém terá meu coração – ninguém – nunca – Oh Deus, por que é necessário viver separado de alguém a quem se ama tanto e ainda assim minha vida em V.(Viena) é agora infeliz, teu amor me fez o homem mais feliz e o mais infeliz – na minha idade eu preciso de uma vida estável, calma – pode ser sob nossas condições? ... Fica calma, somente por uma calma reflexão de nossa existência nós podemos atingir nosso objetivo de vivermos juntos – fica calma – me ama – hoje – ontem – quanta saudade com lágrimas de ti – de ti – de ti – minha vida, meu tudo – adeus – oh continua a me amar – nunca menosprezes o coração mais fiel. Do seu amado L. Sempre teu. Sempre minha. Sempre um do outro.

Como todos os anteriores, este amor não se consumou. Beethoven nunca se casou. Logo após seu retorno a Viena, ele assumiu a tutela de seu sobrinho, possivelmente numa tentativa de lutar contra sua crescente solidão. Ao longo dos 12 últimos anos da vida de Beethoven, esse menino e seu irmão contribuíram para sua infelicidade. Esses desajustados foram

determinantes para que Beethoven saísse de sua casa no início de março, numa carruagem aberta, duas semanas antes de sua morte. Sua saúde estava fraca com constantes problemas digestivos, diarréia e intolerância a diversos alimentos. Ele desenvolveu icterícia durante os últimos 10 anos de sua vida e finalmente sucumbiu à falência hepática e pneumonia em 1827. Em 26 de março, enquanto uma forte tempestade assolava no lado de fora, essa individualidade partiu, deixando à humanidade um tesouro de composições musicais tão profundas que centenas de anos depois elas continuariam a ser curativas.

A vida de Ludwig van Beethoven pode ser estudada na astrosofia em conexão com a arte médica. Seguindo sugestões de W. O. Sucher, o mapa gestacional desde a concepção ao nascimento imprime aspectos fisiológicos cósmicos no desenvolvimento do embrião. Uma realidade espiritual é representada pictoricamente. Os movimentos dos planetas entre a concepção e o nascimento se tornam representações simbólicas que expressam possíveis respostas patofisiológicas na individualidade. Deve ser entendido que muitos seres humanos que nascem ao mesmo tempo têm mapas similares, portanto pode ser deduzida uma certa configuração de personalidade. Entretanto, o eu usa esses ingredientes cósmicos dependendo do carma individual e faz escolhas livres para o desdobramento da tarefa de vida. O mapa embriológico pode ser usado pelo praticante de medicina antroposófica do mesmo modo que o eletrocardiograma pelo clínico. Ele poderia ser chamado de "eletrocardiograma da alma".

As curvas de dentro do círculo do zodíaco indicam os gestos dos planetas (incluindo os movimentos retrógrados) no decurso da gestação de Ludwig van Beethoven. O embrião é considerado geocêntrico. Então, onde o Sol se encontra no momento da concepção está a cabeça, enquanto no nascimento a posição do Sol está nos pés.



Mapa planetário geocêntrico pré-natal – Ludwig van Beethoven
Bonn, Alemanha, latitude 50N45', longitude 7E6'
Domingo, 16 de dezembro de 1770, calendário gregoriano
Sol: no diagrama a figura do embrião é ajustada no arco do Sol da época em Aquário até o nascimento na transição Escorpião-Capricórnio.
Júpiter: o movimento retrógrado de Júpiter começa na transição Escorpião-Sagitário e termina em Sagitário no nascimento, colocando-se em conjunção com o Sol e no segmento dos membros inferiores.
Marte: na concepção Marte está em Capricórnio, e durante a gestação percorre Aquário, Peixes, Áries e a transição Touro-Gêmeos. Ele termina com um movimento retrógrado em Touro.
Figura 1. As impressões fisiológicas dos planetas, bem como sua posição em relação ao outro, são um estudo em si mesmo e pode ser encontrado no trabalho W. O. Sucher, "O homem e as estrelas, série Isis Sophia".

Ao trabalhar com astrosofia com atenção aos ingredientes espirituais derivados do carma que constroem o embrião, são desvendadas algumas compreensões que dizem respeito a essa individualidade, mostradas pelos movimentos de Júpiter e Marte durante seu crescimento fetal. A metamorfose das forças jupiterianas na Terra produz o fígado no corpo. Da mesma forma, Marte é ligado à vesícula biliar. A tensão desses planetas ao nascimento é um prenúncio de uma resposta patofisiológica, especialmente se pudermos observar o gesto agressivo de Marte durante o último mês fetal, movimentando-se dentro da constelação de Touro, mas também sobre a colocação embriológica do desenvolvimento dos ouvidos. Também encontramos Júpiter sobre o pé, movimentando-se de Escorpião para Sagitário.

Quando esse conhecimento é aplicado ao diagnóstico da patologia de Beethoven, as correlações se tornam ainda mais convincentes. Sua cirrose não foi devida à hepatoesteatose causada por abuso de álcool, tampouco como sequela de uma hepatite viral. No laudo da autópsia estava descrito que seu fígado endurecido e enrugado era causado por uma fibrose crônica emergindo dos ductos biliares, a chamada cirrose biliar.

Quão perfeito é esse mapa ajustado à vida de Beethoven. A impressionante força de Marte: destruição do órgão da audição. Júpiter sob os pés: profunda encarnação do indivíduo em seu corpo, ataque da vesícula biliar destruindo seu fígado em um processo de cirrose. Deveria haver uma harmonia neste ritmo entre as forças anabolizantes do fígado e as forças catabólicas da vesícula biliar.

Seria essa individualidade predestinada à sua missão terrena de tal forma que os deuses o mandaram nessa janela de tempo para que seus infortúnios físicos pudessem ser bênçãos para ele mesmo, ou para a humanidade? Que tipo de homem é esse que se torna mártir de sua própria independência? Ele é o criador humano, inimigo dos deuses, sábio, altruísta, progredindo eternamente e sofrendo – uma verdadeira figura de Prometeu.

O mito de Prometeu deve ser interpretado num nível religioso/histórico e físico. Temos que estudar nossa própria emancipação em relação a Deus, à Terra e ao homem. Prometeu era um deus, um Titã, filho de Zeus, que se opunha a ele. Ele ousou trazer a cultura individualizante para a humanidade; ele era o amigo da humanidade, ajudando a emancipação individual em relação aos deuses. Ao trazer o fogo dos céus recebeu de seu pai um castigo rápido e severo. Ficou preso às pedras por 30 anos, acorrentado em grilhões de ferro, sem possibilidade de fugir. Dia após dia, a águia vermelha descia do céu e comia seu fígado. À noite, a terra curava a ferida.

Podemos reconhecer esse ritmo na interação fisiológica entre o fígado e a vesícula biliar. A ciência espiritual nos encoraja e nos permite examinar os modernos Titãs à luz dessas três dimensões: celestial, terrena e da tarefa humana. Há um aspecto espiritual, psicológico e fisiológico na encarnação de Beethoven que pode ser estudado a fim de abrir possibilidades para uma nova psicosofia.

Beethoven sofria de cirrose. Como podemos interpretar o fenômeno dessa patologia? O laudo de sua autópsia narra que uma cirrose biliar havia afetado o fígado inteiro, substituindo as células hepáticas normais, obstruindo o fluxo de bile e subsequentemente causando uma paralisia dos processos hepáticos normais. Esta tendência interna do fígado de endurecer possivelmente surgiu em sua infância "como uma criança nutrida com o leite errado", como sugerido por Rudolf Steiner, mas também pelo fato de que ele se uniu mais intensamente à sua corporalidade terrena. De um modo metafórico, o deus Júpiter (ou Zeus) o desamparou.

O fígado é o órgão da vontade. Vontade é experimentada como uma eterna fonte de energia para os membros e também para o cérebro. Pelo exercitar da vontade nós prestamos atenção. Vontade é o poder do homem sobre a atividade deliberada e proposital em relação ao resto do universo. Uma cascata de reações bioquímicas do glicogênio até a glicose libera energia da ligação do fósforo como um elemento imponderável.

Como um componente da alma, a nossa vontade está adormecida, mas certamente pode ser despertada através de exercícios de atenção e intenção. Através de exercícios de concentração podemos nos tornar conscientes das experiências de calor, luz e som, substituindo assim os processos de pensamento aleatório.

Em Beethoven, reconhecemos uma patologia grave do fígado, mas somos surpreendidos com a sua resposta à doença. Primeiro, temos experiência que na maioria dos hepatopatas as forças da vontade estão severamente afetadas, manifestando-se fisicamente como fadiga crônica, cansaço nos membros e falta de força. Na esfera psíquica, encontramos indecisão, depressão, mau humor e falta de concentração. Ao longo de sua biografia, encontramos incidentes em que tal comportamento é ilustrado: seu recolhimento, sua relação com as mulheres, suas explosões tempestuosas para com seus leais e resignados amigos. Por outro lado, não podemos esquecer que sua surdez começou aos 28 anos de idade, e sua natureza obscura, rabugenta e afastada deve ter tido sua origem numa profunda frustração devido a esse impedimento.

Está claro que essa individualidade tinha extraordinária força de vontade. Sua patologia, que pode ser descrita como um processo de morte, tornou disponível essa força. Com uma profunda encarnação como a de Beethoven, os processos do frio esclerosante tendem a dominar o órgão doente; os processos de calor e luz são retirados. Está desequilibrada a interpenetração dos processos do éter de calor e luz e do éter químico ou sonoro e a forma. Podemos dizer também que entre as tendências de inflamação e esclerose, esta última se torna uma expressão da patologia. O fluxo biliar é represado pela patologia esclerosante.

A bile é formada a partir do sangue, da quebra da hemácia, com a liberação da hemoglobina e da divisão do heme, com o reaproveitamento do ferro. O sangue é, portanto, confrontado constantemente com sua própria "múmia", o grupamento heme morto. Ambos, parênquima hepático e sangue circulante são afetados. Através do processo de morte no tecido hepático e no sangue, ambas as forças da vontade e do eu são liberadas para formar uma nova base. Este fato se torna uma combinação poderosa; o espírito mítico de Prometeu pode agora tomar essas forças e vertê-las com intenção consciente e concentração requintada para um processo de escuta interior.

A terceira patologia tinha a ver com sua audição. A condução do som segue primeiro através do elemento aéreo até a membrana do ouvido interno, a *fenestra ovalis*. Por detrás desta membrana um complexo em forma de caracol, um canal de líquido, chamado cóclea, gira em torno do nervo coclear. O verdadeiro órgão da audição pode ser encontrado na câmara média deste canal. Este é o órgão de Corti. O nervo coclear transmite estímulos ao cortex do cérebro. Apenas neste nível a escuta consciente acontece. A onda de fluido, começando na *fenestra ovalis*, excita o órgão de Corti por toda a cóclea. Diferentes porções do órgão vibram com diferentes freqüências. Também pode ser descrito que a cóclea é um transdutor biológico, convertendo o estímulo mecânico em impulso elétrico através da polarização iônica das células. O osso denso ao redor dessa estrutura celular mole e coloidal funciona como um amplificador (é o mais denso osso do crânio). O bombardeamento de estímulos auditivos é constante. O processo de percepção através do ouvido é passivo e indiscriminado. Mesmo durante o sono ainda estamos ouvindo. A audição se torna uma experiência da alma, ou uma experiência consciente quando é retirada do domínio dos sentidos para o reino do eu. O que se ouve pertence ao domínio do eu. Através do ouvido podemos mergulhar na substancialidade do mundo exterior. Todas as substâncias na natureza reverberam, há som em toda a natureza. O que se ouve ressoa por todo o corpo. Há também som em nosso próprio corpo. Escutar, diferentemente de ouvir[1], é um processo ativo.

Isso requer uma atenção motivada, um foco seletivo no som. Através do som, a natureza interior particular do corpo (seu aspecto individual) caminha à frente e se comunica à nossa percepção. Isso é, de fato, uma audição suprassensível que se origina da função do ouvido etérico. Através do órgão da audição o eu é desafiado a escutar. Enquanto escutamos, imagens interiores jorram do inconsciente para o consciente. Esta é uma atividade do eu apoiada pela organização vital.

A perda auditiva de Beethoven atingiu a ambos os ouvidos e provavelmente foi por acometimento do nervo.[2] Isso significa que nenhum estímulo era transmitido ao córtex. Entretanto, uma pergunta surge: o ouvido

1. N.T.: *Listening e hearing*.
2. N.T.: surdez de percepção ou neurossensorial.

etérico ainda funcionava?

Lusseyran[3] descreve sua perda visual, com subsequente capacidade de desenvolver uma visão suprassensível. Seu olho etérico continuava vendo o processo etérico da luz. Estamos lidando aqui com um processo de morte? A partir da descrição detalhada da experiência Jacques Lusseyran, como descrito em seu livro, "Memórias de vida e luz"[4], eu me sinto livre para dar o próximo passo - um passo em que o ouvido surdo é utilizado para a audição suprassensível - para a audição interior. E o que essa individualidade estava ouvindo? A essência de sua cura – compor – estava contida dentro dele mesmo através da audição. Ele estava ouvindo o seu próprio processo de morte?

Ludwig van Beethoven é o Prometeu moderno. O que podemos aprender de sua biografia? O que podemos saber sobre a percepção da vontade? O que podemos experimentar na sua criatividade como um fogo do espírito? Como aquelas requintadas composições jorravam de seu ser interior?

O eu de Beethoven foi capaz de criar músicas sublimes mesmo depois de estar completamente incapaz de ouvir qualquer som. As composições musicais expressaram uma visão abrangente da humanidade idealizada. De onde surgiram esses temas? Como eles entraram em sua alma?

Ele foi capaz de submergir-se totalmente sem medo no seu ânimo, experimentando a morte e a ressurreição em sua música. Através desta submersão, seu eu foi capaz de dominar o efeito de seu órgão doente.

Na depressão se vê o futuro como o passado. Através de patologia hepática, a contemplação do futuro é destruída. Porém não foi assim com Beethoven. Superando sua doença focada apenas no processo de morte, as comportas se abriram para ele. Em suas composições testemunhamos a música das esferas se confrontando com o destino cármico dessa individualidade. O sofrimento desse ser humano pode ser sentido em sua última obra, o Quarteto de Cordas, Opus 132, peça que ele intencionalmente dedicou ao futuro.

Através de seu trabalho, sua vida tomou proporções míticas. À luz de sua criatividade artística podemos compará-lo a um portador de fogo – de um novo entusiasmo. Ele dá à humanidade um novo mito - um mito em que o ser humano argumenta com os deuses, não um mito onde o fogo é trazido dos céus, mas um mito no qual é mostrado à humanidade o caminho para a consciência do eu individualizado lutando e superando o processo de morte. Tal é a profundidade da arte – através da morte, uma ressurreição.

3. N.T.: Jacques Lusseyran (1924-1971), escritor francês cego desde os 7 anos de idade, que na juventude ajudou a organizar a resistência francesa contra o avanço do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial.
4. N.T.: Editora Antroposófica, 1995. 312 p.